

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Πηληϊάδεω Ἄγαθη  
Μηνὶν Ἀεΐδε θεὰ Πηληϊάδεω  
Μηνὶν Ἀεΐδε θεὰ Πηληϊάδεω

## VASOS DE VÍSCERAS EM COLECÇÕES EGÍPCIAS DE PORTUGAL

LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

*Universidade de Lisboa*

Entre as mais de mil peças evocativas do antigo Egipto que existem em Portugal, em colecções públicas e privadas<sup>(1)</sup>, merecem destaque os vasos de vísceras que se destinavam a ser colocados no túmulo, fazendo parte do espólio do defunto. Eram em número de quatro, geralmente feitos de pedra (de preferência de calcite ou de calcário), mas também existem recipientes feitos de terracota e, embora mais raros, de madeira<sup>(2)</sup>.

O nosso país possui treze exemplares, se bem que nem todos se encontrem expostos neste momento. Significativamente, entre os vasos existentes podem apreciar-se os materiais que mais vezes eram utilizados no seu fabrico: a pedra (Museu da Farmácia, Museu Nacional de Arqueologia e Museu do Palácio de Vila Viçosa), terracota (Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto) e madeira (colecção Luís Teixeira da Mota).

Encontram-se quatro no Museu da Farmácia, em Lisboa, estando dois expostos e dois nas reservas, todos eles com inscrições hieroglíficas<sup>(3)</sup>. A colecção egípcia do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto inclui três exemplares, sendo um de terracota<sup>(4)</sup>. Oriundos da antiga colecção de antiguidades e objectos de arte do rei D. Luís, estão hoje no Museu do Palácio de Vila Viçosa dois exemplares, ambos com inscrições hieroglíficas<sup>(5)</sup>. A colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia, que é a maior do género que existe em Portugal, possui três exemplares, dois deles fictícios, de tipo compacto, e uma tampa isolada de terracota<sup>(6)</sup>. Registe-se finalmente a pequena

colecção egípcia de Luís Teixeira da Mota que, entre as suas seis peças, integra um invulgar vaso de vísceras fictício, feito de madeira, com inscrição hieroglífica<sup>(7)</sup>.

É costume chamar «vasos canópicos» ou apenas «canopos» aos vasos de vísceras, uma designação errada que não esclarece nada acerca da finalidade de tais recipientes. A explicação para esta anómala e ambígua denominação reside no facto de os coleccionadores e os antiquários do século XIX terem generalizado a designação que inicialmente era dada apenas aos vasos osíricos de Canopo<sup>(8)</sup>. O navegador grego Canopos teria sido, reza a lenda, sepultado em Canopo, no Delta nilótico, na zona de Abukir, onde o culto a Osíris era então acompanhado pelo uso de um vaso encimado por um busto do famoso deus egípcio da eternidade. Esse vaso cútico não tinha qualquer relação com as práticas de evisceração e conservação dos órgãos internos do defunto, servindo muitos deles para conter água do Nilo usada no ritual, mas a designação acabou por se divulgar e hoje, incorrectamente, chama-se «vasos canópicos» aos vasos de vísceras<sup>(9)</sup>.

Um dos vestígios mais antigos que se conhecem deste tipo de recipientes é uma caixa de alabastro achada no túmulo da rainha Hetep-herés, mãe de Khufu, o construtor da Grande Pirâmide de Guiza (IV dinastia). A caixa, que hoje está no Museu Egípcio do Cairo, possui quatro compartimentos, três dos quais continham restos dos seus órgãos internos preservados em natrão e um quarto tinha material orgânico. Embora esta seja a mais antiga prova que chegou até nós, o processo de evisceração e embalsamamento vinha já certamente de trás<sup>(10)</sup>.

Os vasos de vísceras começaram por ter tampas com cabeças humanas, como é bem conhecido exemplo o conjunto de Tutankhamon, com os seus quatro belos exemplares de alabastro, contendo dentro a respectiva estatueta de ouro destinada a conservar os órgãos internos do jovem monarca<sup>(11)</sup>.

Depois, a partir do período ramséssida (XIX dinastia), as tampas dos vasos deixaram de ter a forma de uma cabeça humana e passaram a representar as cabeças dos quatro filhos do deus Hórus. Tal modificação aumentou as virtualidades apotropaicas dos recipientes e as vísceras passaram a estar «melhor guardadas», crescendo as possibilidades teóricas da sua eterna preservação<sup>(12)</sup>. Os filhos de Hórus eram quatro: Imseti, com cabeça de homem (ou melhor, um ser hermafrodita); Hapi, com cabeça de babuíno; Duamutef, com cabeça de canídeo (por vezes erroneamente descrito como um «chacal», espécie inexistente no Egito); e Kebehsenuf, com cabeça de falcão. Vinham mesmo a propósito, quer em número e em funcionalidade profiláctica,

para o reforço protector dos vasos, tanto mais que a eles se associaram deusas que também possuíam conotações funerárias: Ísis e Imseti protegiam o fígado do defunto; Néftis e Hapi cuidavam dos pulmões; Neit e Duamutef zelavam pelo estômago; Serket e Kebehsenuief protegiam os intestinos<sup>(13)</sup>.

Em certos espólios funerários os quatro vasos de vísceras estavam dentro de um contentor de madeira pintada, que aparecem frequentemente a partir do Império Novo e continuam a ser produzidos na Época Baixa, com imagens de diversas divindades, como Osíris e Anúbis, também os quatro filhos de Hórus, ou com símbolos profilácticos como o osírico pilar *djed*, o signo *ankh* ou o nó de Ísis, entre outros<sup>(14)</sup>.

Durante a XXI dinastia (c. 1070-945 a. C.) preferiram-se fabricar vasos de vísceras fictícios, isto é, recipientes feitos de uma única e compacta peça, dado que as vísceras dos defuntos deixaram de ser guardadas nos habituais vasos<sup>(15)</sup>. Elas eram retiradas do corpo, lavadas e embalsamadas, e depois regressavam ao seu lugar original, tornando-se por isso desnecessários os apropriados contentores. Mas o seu simbolismo era tão evidente que não foram dispensados do espólio fúnebre continuando a fazer parte dele embora sem qualquer utilidade prática.

Um fenómeno típico, e que ocorre em várias colecções egiptológicas, é que as tampas por vezes se apresentam trocadas, e esta situação ocorre também em exemplares existentes em Portugal. Esta anomalia é relativamente fácil de detectar desde que se consigam ler os textos hieroglíficos que, em geral, estão na pança do recipiente, onde consta o nome do defunto e o nome do filho de Hórus que se encarrega do órgão contido no vaso<sup>(16)</sup>.

### Vasos de vísceras do Museu da Farmácia

A colecção egípcia do Museu da Farmácia, que possui cem objectos, grande parte dos quais em exposição, inclui quatro vasos de vísceras datados da Época Baixa (XXVI dinastia, 664-525 a. C.), pertencentes a três proprietários diferentes.

1 – Vaso de vísceras de alabastro, ligeiramente bojudo, estreitando para a base de fundo plano, com uma tampa representando Duamutef, com uma cabeça de canídeo, bastante erodida. Uma inscrição hieroglífica distribui-se a meio do vaso por cinco colunas verticais delimitadas, dizendo: «Palavras ditas por Neit que impede o roubo e protege Duamutef que está aqui. Protege o Osíris conhecido do rei, Horudja,



A



B

C



A – Vaso de vísceras do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto (cabeça de Imseti).

B – Vaso de vísceras do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto (cabeça de Kebehseuef).

C – Vaso de vísceras de Merui (Museu da Farmácia).

filho da dona de casa Hathoremhat, justificada. Protege o Osíris conhecido do rei, Horudja, filho da dona de casa Hathoremhat, justificada. Duamutef.»<sup>(17)</sup>

2 – Vaso de vísceras de calcário, ligeiramente bojudo, estreitando para a base de fundo plano, com uma tampa representando Imseti, com cabeça humana já erodida, mas onde ainda se notam os olhos, sobrancelhas, boca, nariz, orelhas e a pêra divina. Uma inscrição hieroglífica distribui-se a meio do vaso por quatro colunas verticais delimitadas, dizendo: «Palavras ditas por Ísis que impede o roubo e protege Imseti que está aqui, o Osíris sacerdote pai divino real, Merui, justificado. Imseti protege o Osíris sacerdote pai divino real, Merui.»<sup>(18)</sup>

3 – Vaso de vísceras de alabastro, ligeiramente bojudo, estreitando para a base de fundo plano, com uma tampa representando Imseti, com o rosto um pouco erodido, mas onde ainda se notam alguns detalhes anatómicos como as sobrancelhas, nariz e boca bem delineada. Não exhibe aqui a habitual pêra divina que por vezes se vê nas imagens de Imseti. Apresenta uma inscrição hieroglífica em quatro colunas verticais delimitadas, dizendo: «Palavras ditas por Ísis que impede o roubo e protege Imseti que está aqui. Protege o Osíris superintendente dos escribas do conselho de magistrados, Uahibré-meriptah. Imseti protege este Osíris Uahibré-meriptah, filho de (feito por) Irtierut. Imseti.»<sup>(19)</sup>

4 – Vaso de vísceras de alabastro, bojudo, com uma tampa representando Hapi, com uma cabeça de babuíno, que está aqui erradamente colocada em vez de uma tampa com cabeça de falcão (Kebehsenuf, protector dos intestinos). Apresenta uma inscrição hieroglífica em quatro colunas verticais delimitadas, dizendo: «Palavras ditas por Serket para o teu ka. Mantém a guarda todos os dias (...) de Kebehsenuf que está aqui. Guarda o Osíris Uahibré-meriptah. Kebehsenuf protege este Osíris Uahibré-meriptah. Kebehsenuf.»<sup>(20)</sup>

### **Vasos de vísceras do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto**

Na colecção egípcia do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, que exhibe cerca de cem objectos oferecidos pelo Museu de Berlim ao nosso país, em 1926, estão três vasos de vísceras anepígrafos, sendo dois de alabastro e um de terracota, todos da Época Baixa.

1 – Vaso de vísceras de alabastro, sem a respectiva tampa, relativamente bojudo<sup>(21)</sup>.

2 – Vaso de vísceras de alabastro, com a tampa representando Kebehsenuf em forma de cabeça de falcão. Os traços identificadores estão muito erodidos, detectando-se o bico falcónida e dois pontos negros a assinalar os olhos. O vaso, relativamente bojudo, está pintado de preto, à excepção da tampa<sup>(22)</sup>.

3 – Vaso de vísceras de terracota, com a tampa representando Imseti em forma de cabeça humana. Os traços do rosto têm uma expressão inusitada, com as sobrancelhas assinaladas a preto, bem como as duas grossas madeixas de cabelo que caem até ao final da tampa<sup>(23)</sup>.

### **Vasos de vísceras do Museu do Palácio de Vila Viçosa**

Quanto aos dois exemplares que se encontram no Museu do Palácio de Vila Viçosa eles pertencem a um sacerdote de Montu chamado Hahat, parecendo ser da Época Baixa (XXVI dinastia). Os dois vasos de vísceras foram trazidos pela rainha D. Amélia da sua viagem ao Egipto em 1903. Estiveram depois em casa de D. Manuel II em Londres, durante o exílio do último monarca português, tendo voltado ao nosso país em 1937.

1 – Vaso de vísceras de alabastro, com tampa em forma de cabeça de falcão representando Kebehsenuf. Tem ainda vestígios de conteúdo, que poderiam ser os intestinos, de acordo com as funções atribuídas a Kebehsenuf. A tampa hieracocéfala tem 1/3 da altura do vaso e apresenta detalhes nítidos em relevo e pintura a negro exibindo traços característicos deste tipo de imagem falcónida: olhos com tratamento envolvente e estilizado, orelhas humanas e bico quebrado no pescoço. Exibe um colar com decoração geometrizar pintado entre as partes da cabeleira que caem sobre os ombros. O corpo bojudo do vaso apresenta na pança uma inscrição hieroglífica em duas colunas verticais delimitadas, com leitura da direita para a esquerda: «Kebehsenuf protege o sacerdote de Montu, senhor de Tebas, [Ha]hat, justificado»<sup>(24)</sup>.

2 – Vaso de vísceras de alabastro, com tampa em forma de cabeça humana representando Imseti, mas que não corresponde ao texto hieroglífico gravado no vaso, onde aparece o nome de Duamutef. Tem ainda vestígios de conteúdo, que poderia ser o estômago, de



D – Vaso de vísceras do Museu do Pa-lácio de Vila Viçosa (cabeça de Kebehsenuf).



E – Vaso de vísceras do Museu do Pa-lácio de Vila Viçosa (cabeça de Imseti).

acordo com as funções atribuídas a Duamutef. A tampa androcéfala é cerca de 1/3 do vaso e não é a original, está trocada, deveria ser uma cabeça de canídeo. A cabeça de Imseti apresenta formas arredondadas, com detalhes do rosto bem assinalados, onde ainda se notam vestígios de tinta preta a sublinhar os olhos, sobrancelhas e orelhas. Também há vestígios de tinta preta no colar com decoração geométrica pintado entre as partes da cabeleira que caem sobre os ombros. O corpo bojudo do vaso apresenta na pança uma inscrição hieroglífica em duas colunas verticais delimitadas, com leitura da direita para a esquerda: «Duamutef protege (o sacerdote de Montu) que está em Tebas, Hahat, justificado»<sup>(25)</sup>.

### Vasos de vísceras do Museu Nacional de Arqueologia

A colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia possui mais de quinhentos objectos, estando cerca de trezentos expostos na sua muito visitada sala de Antiguidades Egípcias. O catálogo da





**F** – Dois vasos de vísceras fictícios do Museu Nacional de Arqueologia.

colecção apresenta apenas os objectos que estão em exposição, e entre eles constam os seus três vasos de vísceras, de diferentes épocas, e uma tampa isolada de vaso, de terracota, talvez do Império Novo. O catálogo encontra-se quase esgotado, estando prevista para breve uma segunda edição revista.

1 – Vaso de vísceras de arenito, alargando em direcção à parte superior e curvando ligeiramente para dentro sem formar ombro. A superfície é irregular e porosa, com vestígios de ter sido pintada de preto. O interior tem um conteúdo formado por uma massa preta irreconhecível, podendo ser parte das vísceras retiradas do corpo do defunto. Tem uma tampa bastante erodida representando uma cabeça humana que evoca Imseti<sup>(26)</sup>.

2 – Vaso de vísceras fictício de calcário margoso, mostra em cima Hapi com cabeça de babuíno. Os traços do rosto estão esquematizados, com duas saliências para indicar as orelhas, supraciliares e separação dos olhos em relevo, sem indicação das pupilas, focinho arredondado e boca assinalada por um traço inciso<sup>(27)</sup>.

3 – Vaso de vísceras fictício de calcário margoso, mostra em cima Duamutef com cabeça de canídeo. Os traços do rosto estão esquematizados, apresentando duas orelhas pontiagudas de rebordo acompanhado por traço inciso, olhos sumariamente assinalados, focinho afilado com boca marcada por traço inciso. Este exemplar tem um traço inciso a sugerir a separação da pretensa tampa e da parte inferior<sup>(28)</sup>.

4 – Tampa de vaso de vísceras de terracota pintada, mostrando Imseti com um rosto arredondado finamente trabalhado e esboçando um expressivo sorriso. Tem bons detalhes fisionómicos, com olhos rasgados e prolongamento das comissuras laterais em direcção às orelhas em relevo, nariz de traços regulares, lábios bem delineados e salientados pelo toque naturalista das rugas que partem do nariz, o queixo é saliente, o rosto é envolvido por uma peruca com decoração listada e o pescoço tem um colar de três voltas sugerido por traços pretos. A tampa é oca e tem um pé que entrava na boca do desaparecido vaso<sup>(29)</sup>.

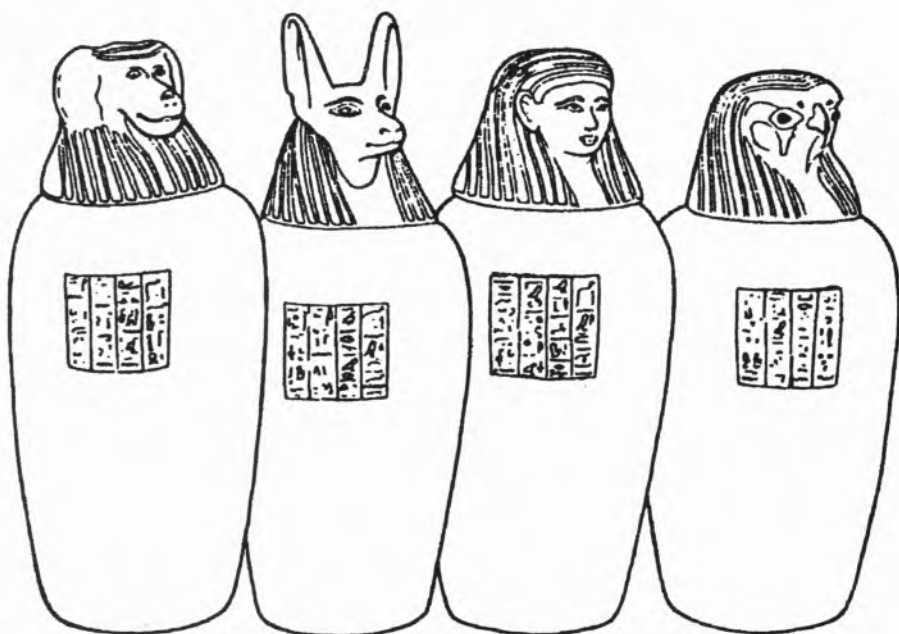


G – Vaso de vísceras da colecção Luís Teixeira da Mota.

### Vaso de vísceras da colecção Luís Teixeira da Mota

O colecionador Luís Teixeira da Mota possui um pequeno acervo egiptológico com seis peças, sendo a mais notável um vaso de vísceras de madeira pintada, datado do Terceiro Período Intermediário.

1 – Vaso de vísceras fictício de madeira castanha clara, pintada de branco, com bastantes falhas na superfície e uma racha que vai desde o focinho até à base de fundo plano. A peça é compacta, e a parte superior, correspondente à pretensa tampa do vaso, representa uma cabeça de canídeo como evocação de Duamutef, cuja típica imagem surge com o focinho afilado e duas orelhas espetadas para cima e com as pontas danificadas. Tem vários detalhes a negro: os olhos com sobrancelhas, e ligeira saliência pintada de negro a sugerir o colar no pescoço entre as pontas terminais largas da peruca. Uma saliência angular mostra a pretensa separação da tampa do vaso. Tem vestígios de inscrição hieroglífica frontal na posição vertical, distribuída por duas colunas, com leitura da direita para a esquerda e em parte ilegível, conseguindo ler-se: «Osíris, dona de casa, (...) Ísis, justificada.»<sup>(30)</sup>



H – O tradicional grupo dos quatro vasos de vísceras representando (da esquerda para a direita) Hapi, Duamutef, Imseti e Kebehsenuf (vasos pertencentes à dama Nesikhonsu, XXI dinastia); in George Hart, *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, p. 205.

## Notas

Nota prévia: Agradece-se a autorização e as facilidades concedidas para a publicação das imagens dos vasos de vísceras ao Dr. João Neto (Museu da Farmácia), Dr. João Gonçalo do Amaral Cabral (Museu do Palácio de Vila Viçosa), Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia) e Dra. Maria José Cunha (Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto). Também se agradece ao colecionador Luís Teixeira da Mota que possui no seu acervo um invulgar vaso de vísceras de madeira, e à Dra. Maria de Jesus Monge do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança.

(1) Lista actualizada dos objectos egípcios existentes em Portugal, em colecções públicas e privadas, em ARAÚJO, *Arte Egípcia*, p. 12.

(2) Para os materiais dos vasos de vísceras veja-se MARTIN, «Kanopen II», *Lexikon der Ägyptologie*, III, cols. 317-318 (embora muito raros, conhecem-se exemplares de faiança e de bronze).

(3) O projecto de renovação em curso da área expositiva dedicada ao antigo Egipto no Museu da Farmácia prevê que todos os exemplares venham a ser expostos. Nesta altura mostram-se dois na base da vitrina que protege o sarcófago de Irtierut.

(4) A colecção egípcia do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, cujo estudo ainda decorre, visando a edição do respectivo catálogo, foi sumariamente apresentada durante o 9º Congresso Internacional de Egiptólogos que teve lugar em Grenoble, de 6 a 12 de Setembro de 2004.

(5) Ver LOPES e ARAÚJO, «A colecção egípcia do rei D. Luís», *Hathor. Estudos de Egiptologia*, 4, pp. 20-22, com gravuras dos vasos na p. 23.

(6) Ver ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, pp. 311-315, com ilustrações.

(7) Ver ARAÚJO, «O núcleo egípcio da colecção Luís Teixeira da Mota», *Carlos Alberto Ferreira de Almeida, In Memoriam*, pp. 117-124.

(8) Ver ARAÚJO, «Vasos de vísceras», *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 862.

(9) Para a figura lendária de Canopo e a sua permanência no Egipto veja-se THISSEN, «Kanopus», *Lexikon der Ägyptologie*, III, cols. 320-321; ver também SALES, *As Divindades Egípcias*, p. 355.

(10) Ver YOYOTTE, «Canopes», *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 41-42; ver também MARTIN, «Kanopen II», *Lexikon der Ägyptologie*, III, col. 316 (existem ainda vestígios de vasos de vísceras pertencentes a uma rainha da IV dinastia chamada Meresankh; conhecem-se várias rainhas desse período com este nome); veja-se ainda ARAÚJO, «Vasos de vísceras», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 862-863. Imagens do espólio funerário de Hetep-herés em BONGIOANNI e CROCE, *The Illustrated Guide to the Egyptian Museum in Cairo*, pp. 88-91; veja-se a caixa dos vasos de vísceras de Hetep-herés em DODSON, *The Canopic Equipment of the Kings of Egypt*, p. 20.

(11) Ver imagens em EL-MALLAKH e BRACKMAN, *The Gold of Tutankhamen*, grav. 61-63 (com texto explicativo nas pp. 238-239). Outra sugestiva variante apareceu no espólio tumular de um rei tanita da XXI dinastia, que se julga ser Chechonk II, com recipientes antropomórficos de prata dentro dos vasos (veja-se MARTIN, «Kanopen II», *Lexikon der Ägyptologie*, III, col. 317).

(12) Ver imagens de vasos de vísceras antes e depois de Ramsés II (com tampas antropomórficas e com as cabeças dos quatro filhos de Hórus) em SEIPEL, *Ägypten, Götter, Gräber und die Kunst*, p. 188 (conjunto de vasos de Djehuti), e pp. 191-195. Outros exemplos de vasos de vísceras em BJÖRKMANN, *The Smith Collection*, pp. 64-67.

<sup>(13)</sup> Para os filhos de Hórus ver SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 353-357; ver exemplos de figurinhas dos filhos de Hórus da coleção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian em ARAÚJO, *Arte Egípcia*, pp. 108-111.

<sup>(14)</sup> Ver MARTIN, «Kanopenkasten», *Lexikon der Ägyptologie*, III, cols. 319-320.

<sup>(15)</sup> Imagens de vasos de vísceras fictícios do Kunsthistorisches Museum de Viena em SEIPEL, *Ägypten, Götter, Gräber und die Kunst*, p. 194.

<sup>(16)</sup> Vimos recentemente este tipo de anomalia numa visita à coleção egípcia do Museu de Belas Artes de Cuba, em Havana. Em dois vasos de vísceras feitos para a dama Nesichutefnut, um com uma tampa com a cabeça de Hapi (babuíno), outro com a cabeça de Kebehseuef (falcão), que estão em exposição, as cabeças não correspondem ao que está na inscrição hieroglífica gravada no vaso. Este erro manteve-se nas fotos incluídas no catálogo do Museu (ver *Arte de la Antigüedad*, p. 64)

<sup>(17)</sup> N.º inv. 9863. Dimensões: alt.: 28,6 cm; larg.: 16 cm. O título de conhecido do rei (*rekhesu*), muito comum no Império Antigo, voltou a ser usado na Época Baixa.

<sup>(18)</sup> N.º inv. 6937. Dimensões: alt.: 20,3 cm; larg.: 16 cm. O título de pai divino (*it-netjer*) estava sobretudo relacionado com a hierarquia do clero amoniano, vindo depois do quarto sacerdote de Amon. Neste caso o título de Merui estaria relacionado com o culto funerário de determinado monarca que não é mencionado no texto.

<sup>(19)</sup> N.º inv. 10137. Dimensões: alt.: 40,5 cm; larg.: 23 cm. O título de superintendente do conselho de magistrados indica que o defunto tinha funções de timbre judicial.

<sup>(20)</sup> N.º inv. 10138. Dimensões: alt.: 41 cm; larg.: 22 cm. Apesar deste vaso pertencer ao mesmo proprietário do vaso anterior, o texto hieroglífico não é aqui tão desenvolvido como no outro exemplar.

<sup>(21)</sup> N.º inv. FCP: 41.01.79; n.º antigo: 7164. Dimensões: alt.: 29 cm; diâmetro da base: 9 cm. Proveniência: Museu de Berlim, vindo da coleção Passalacqua.

<sup>(22)</sup> N.º inv. FCP: 41.01.80; n.º antigo: 7166. Dimensões: alt.: 29 cm; diâmetro da base: 8 cm. Proveniência: Museu de Berlim, vindo da coleção Passalacqua.

<sup>(23)</sup> N.º inv. FCP: 41.01.94; n.º antigo: 17596. Dimensões: alt. (com a tampa): 31 cm; larg.: 16,5 cm; diâmetro da boca: 6,8 cm; diâmetro da base: 9,2 cm. Proveniência: Museu de Berlim, adquirida pelo Dr. Borchardt. Na lista do Museu de Berlim com as peças oferecidas a Portugal: «17596 – Kanope, der Deckel als Menschenkopf; gebrannter Ton». A exibição da imagem deste vaso, durante uma sessão do 9º Congresso Internacional de Egiptólogos, em Grenoble (Setembro de 2004), gerou algumas interrogações por parte de alguns especialistas que se encontravam na assistência, nomeadamente de Jean-Luc Chappaz, do Musée d'Art et d'Histoire de Genève. As suspeitas sobre a autenticidade da peça tinham sobretudo a ver com a inusitada representação da cabeça na tampa do vaso. Até surgirem argumentos mais convincentes, o vaso será considerado autêntico, de acordo com a identificação do Museu de Berlim.

<sup>(24)</sup> Dimensões do vaso: alt.: 34 cm; larg.: 18,5 cm; diâmetro da boca: 10,6 cm. Dimensões da cabeça: alt.: 10 cm; larg.: 12,5 cm. Dimensões da inscrição: alt.: 14,7 cm; larg.: 9,7 cm. O nome do proprietário do vaso está parcialmente apagado na inscrição, tornando-se possível a sua leitura graças ao texto do outro exemplar onde os signos estão intactos. O topónimo que aqui traduzimos por Tebas surge no texto com a sua forma egípcia de Uaset.

<sup>(25)</sup> Dimensões do vaso: alt.: 33 cm; larg.: 16 cm; diâmetro da boca: 10 cm. Dimensões da cabeça: alt.: 10 cm; larg.: 12,4 cm. Dimensões da inscrição: alt.: 10 cm; larg.: 5,2 cm.

<sup>(26)</sup> N.º inv. E 123; n.º cat. 221. Dimensões: alt.: 20 cm; larg.: 13 cm. Tampa com a cabeça de Imseti; n.º inv. E 124; n.º cat. 222. Dimensões: alt.: 6,5 cm; larg.: 11 cm.

- (27) N.º inv. E 121; n.º cat. 223. Dimensões: alt.: 26 cm; larg.: 12 cm. Terceiro Período Intermediário.
- (28) N.º inv. E 122; n.º cat. 224. Dimensões: alt.: 27 cm; larg.: 12 cm. Terceiro Período Intermediário.
- (29) N.º inv. E 125; n.º cat. 225. Dimensões: alt.: 9,5 cm; larg.: 11,5 cm. Império Novo (?).
- (30) Dimensões: alt.: 28 cm; larg.: 11,8 cm.

### Bibliografia consultada

- Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: Instituto Português de Museus, 1993
- Luís Manuel de ARAÚJO, «O núcleo egípcio da coleção Luís Teixeira da Mota», em *Carlos Alberto Ferreira de Almeida, In Memoriam*, I, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, pp. 117-124
- Luís Manuel de ARAÚJO, «Vasos de vísceras», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 862-863
- Luís Manuel de ARAÚJO, *Arte Egípcia. Coleção Calouste Gulbenkian*, Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, 2006
- Gun BJÖRKMAN, *A Selection of the Objects in the Smith Collection of Egyptian Antiquities at the Linköping Museum, Sweden*, Bibliotheca Eckmaniana, 65, Universitatis Regiae Upsaliensis, Estocolmo: Almqvist & Wiksell, 1971
- Alessandro BONGIOANNI e Maria Sole CROCE (eds.), *The Illustrated Guide to the Egyptian Museum in Cairo*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2001
- Aidan DODSON, *The Canopic Equipment of the Kings of Egypt*, Londres, Nova Iorque: Kegan Paul International, 1994
- Sir Alan GARDINER, *Egyptian Grammar, being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*, 3.ª ed. revista, Griffith Institute, Oxford: Oxford University Press, 1957
- George HART, *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, Londres, Nova Iorque: Routledge & Kegan Paul, 1986
- Gabrielle KUENY e Jean YOYOTTE, *Grenoble, Musée des Beaux-Arts: collection égyptienne*, Inventaire des Collections Publiques Françaises, Paris: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1979
- Kamal EL-MALLAKH e Arnold C. BRACKMAN, *The Gold of Tutankhamen*, Nova Iorque: Newsweek Books, 1978
- Karl MARTIN, «Kanopen II», em Wolfgang Helck e Wolfhart Westendorf (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, III, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1980, cols. 316-319
- Karl MARTIN, «Kanopenkasten», em Wolfgang Helck e Wolfhart Westendorf (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, III, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1980, cols. 319-320
- José das Candeias SALES, *As Divindades Egípcias: uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999
- Wilfried SEIPEL, *Götter, Gräber und die Kunst. 4000 Jahre Jenseitsglaube*, Katalog zur Ausstellung, Schlossmuseum Linz, OÖ, Linz: Landesmuseum Linz, 1989

- Kurt SETHE, *Zur Geschichte der Einbalsamierung bei den Ägyptern und Einigen Damit Verbundenen Bräuchen*, Berlin: Sitzungsbericht der Preussischen Akademie der Wissenschaften, 1934
- Heinz-Josef THISSEN, «Kanopus», em Wolfgang Helck e Wolfhart Westendorf (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, III, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1980, cols. 320-321
- VÁRIOS, *Arte de la Antigüedad. Salas del Museo Nacional de Bellas Artes*, Havana: Museo Nacional de Bellas Artes de Cuba, 2006
- Jean YOYOTTE, «Canopes», em Georges Posener (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris: Fernand Hazan, 1970, pp. 41-42